



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Departamento de Comunicação

Clipping

Veículo: Sul21

Data: 03 de novembro de 2017

Editoria/Coluna: Capa/Últimas Notícias

Link/Página: <https://www.sul21.com.br/jornal/ifrs-alvorada-vida-de-um-campus-na-periferia-e-uma-porta-que-se-abriu-na-nossa-vida/>

IFRS Alvorada, a vida de um Campus na periferia: “é uma porta que se abriu na nossa vida”



Amanda Peixoto de Oliveira, aluna do curso de Áudio e Vídeo: “É uma porta que se abriu para mim e que pode se abrir para muitas outras pessoas”. (Foto: Guilherme Santos/Sul21)

Marco Weissheimer

O início das obras de construção do Campus Alvorada, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), em 2014, provocou um certo estranhamento entre a população do bairro Campos Verdes, um dos mais populosos do município da Região Metropolitana de Porto Alegre. O professor de História, Fábio Azambuja Marçal, atual diretor geral do Campus, conta que muita gente achava que se tratava de um novo presídio. “Tivemos que colocar uma placa dizendo que a obra era de uma escola. As pessoas passavam aqui pela frente e diziam que era um presídio. Afinal, a coerção era a forma mais frequente do Estado na área. Ainda somos muito invisíveis. Um dos nossos grandes desafios é convencer a população que os cursos são públicos e gratuitos, um sintoma muito claro de que, historicamente, essa população não teve acesso à educação. Precisamos convencê-las de que esse é um espaço público. Elas entram aqui e perguntam: quanto tem que pagar?”.

Em 2016, a instituição passou a funcionar na sede própria, localizada na rua Professor Darcy Ribeiro. Um ano depois, o Campus Alvorada luta para sobreviver, em meio a pesados cortes orçamentários feitos pelo governo de Michel Temer (PMDB), medida que atingiu universidades e institutos federais em todo o país. Mesmo o apoio da Prefeitura tem sido precário. Até hoje, a rua Professor Darcy Ribeiro aguarda pavimentação e não há sinalização na cidade indicando a localização do Campus. O projeto inicial, que previa a construção de três prédios, foi limitado à construção do prédio que, originalmente, deveria abrigar a parte administrativa. Por outro lado, o trabalho de professores, professoras e técnicos adquiriu um caráter de resistência que vem despertando o interesse e o apoio da população que, no início, achava que seria brindada com um presídio. O Campus funciona hoje com 60 servidores, 30 técnicos administrativos e 30 professores com um número de alunos entre 200 e 250, funcionando nos três turnos, com mais força à tarde e à noite.



Fábio Marçal: “Um dos nossos grandes desafios é convencer a população que os cursos são públicos e gratuitos”. (Foto: Guilherme Santos/Sul21)

“Ensino médio é alvo de uma disputa feroz no Brasil”

Ao chegar a Alvorada, no início de 2012, o IFRS utilizou a mesma metodologia aplicada em outras cidades, com a realização de audiências públicas. O objetivo dessas audiências, explica Fábio Marçal, foi identificar os eixos tecnológicos que seriam implantados no campus de Alvorada. Os eixos escolhidos foram produção em áudio e vídeo, comunicação e cultura, além de cursos nas áreas de saúde e meio ambiente. Também foi sugerido um curso de tradução e interpretação de Libras (Língua Brasileira de Sinais). Em um primeiro momento, o Campus funcionou em uma sede provisória, no Centro de Educação Profissional Professor Florestan Fernandes, com alguns cursos iniciais de técnico em cuidados de idosos, um curso de maquiadora para mulheres do presídio Madre Pelletier e alguns cursos de Libras.

“Fomos definindo os eixos centrais que norteariam a política pedagógica do nosso trabalho: educação de jovens e adultos, ensino médio integrado, cursos orientados por uma lógica de inclusão e destinados a pessoas que, historicamente, tiveram negado o direito à educação. Esses foram os sinais que fomos dando para a comunidade e também para os colegas que começavam a trabalhar”, relata o diretor geral da instituição. A decisão de manter cursos de ensino médio integrado, observa, passou pela compreensão de que essa área é alvo de uma feroz disputa hoje no Brasil. “Temos muita clareza disso. Há grandes corporações interessadas nesta área, que estão apostando na reforma do ensino médio. O nosso ensino médio é o avesso do que propõe essa reforma. Buscamos uma formação humana integral e não apenas uma formação parcial em determinada área do conhecimento”.



Daniel Rockenbach: “Decidimos fazer uma busca ativa, batendo de casa em casa e conversando com as pessoas nas ruas”. (Foto: Guilherme Santos/Sul21)

Trabalho de busca ativa na extensão

A primeira turma aberta na nova sede foi um Proeja, educação de jovens e adultos integrada com formação profissional. Fábio Marçal conta que há uma grande carência de educação de jovens e adultos de nível médio em Alvorada. “Segundo dados do IBGE, cerca de 50% da população de Alvorada não tem o ensino fundamental. Por

isso, decidimos apostar na educação de jovens e adultos para trazer para cá essas pessoas que tiveram seu direito à educação negado. Passamos a oferecer também cursos subsequentes ao ensino médio, de técnico em Tradução e Interpretação de Libras e técnico em Processos Fotográficos”.

O diretor geral do Campus relata ainda que o trabalho de extensão assumiu um caráter estratégico para a sobrevivência e o fortalecimento do projeto do Instituto Federal, bem como dos laços com a comunidade. “Nosso desafio é trazer as pessoas para cá, fazer com que circulem aqui e apropriem esse projeto como seu”, resume. Dentro desta estratégia foram criados um curso pré-vestibular popular e um projeto chamado Figueira Negra cujo objetivo é resgatar a história do negro em Alvorada. Além disso, o Campus passou a chamar reuniões periódicas com a comunidade, por meio de um trabalho de busca ativa, que envolve a visita de professores às casas da população.

Daniel Rockenbach, coordenador de Extensão do Campus Alvorada, relata que, na semana passada, um grupo de professores andou pela comunidade batendo de casa em casa, convidando as pessoas para conversar. Na primeira reunião com famílias da comunidade, decidiu-se que o laboratório de informática e a biblioteca do Campus passariam a ficar abertos à comunidade durante alguns períodos da semana. No primeiro dia, sete pessoas já procuraram o laboratório, cinco crianças e duas mulheres adultas. Outro resultado concreto dessa aproximação foi um mutirão de limpeza com a comunidade, que também teve a participação de estudantes do curso de Técnico em Meio Ambiente, para acabar com um lixão que tinha se criado em frente ao prédio do Campus. Hoje, uma placa indica o novo espírito do lugar: “Não jogue lixo, jogue sementes”. Esse trabalho de aproximação enfrentou dificuldades no início, mas começa a apresentar resultados, conta Daniel:

“Há cerca de dois meses, estamos convidando a população para participar dessas reuniões. No início, estava difícil ter público. Muitos dos nossos alunos, especialmente do noturno, não moram aqui na vizinhança. Nós decidimos então lançar um curso de extensão em informática. Como o curso de extensão não requer escolaridade, pode abranger um número maior de pessoas. Saímos batendo de porta em porta aqui pela avenida convidando a população para participar do curso e também da reunião. Para a reunião, ninguém veio, mas para o curso vieram algumas pessoas. Decidimos então fazer buscas ativas mais intensas, batendo de casa em casa e conversando com as pessoas nas ruas. Foi interessante. Muitas pessoas nos disseram que acharam que ali funcionava uma faculdade privada ou nem sabia o que funcionava no prédio. Até que conseguimos realizar a primeira reunião que teve público, efetivamente, com 32 participantes e que teve encaminhamentos como a abertura do laboratório de informática. A conversa foi muito boa e percebemos que a demanda maior da comunidade não é do ensino médio para cima e que é preciso fortalecer a extensão. Se só nos restringirmos aos cursos regulares, estaremos excluindo a nossa vizinhança”.



Laboratório de Informática foi construído graças a doações de computadores pela Justiça Federal. (Foto: Guilherme Santos/Sul21)

Os limites impostos pelos cortes de orçamento

O corte de orçamento é o principal obstáculo para o fortalecimento do trabalho do Campus. Já são três anos sem nenhum recurso para investimentos. Todos os computadores, inclusive os do laboratório de informática vieram de doações feitas pela Justiça Federal. O orçamento destinado ao custeio só garante o pagamento de dois serviços essenciais, vigilância e limpeza. O Campus não tem telefonistas nem recepcionistas. Professores e técnicos administrativos passaram a levar seus próprios equipamentos para garantir o funcionamento de determinadas atividades.

“Trabalhamos para fazer as pessoas entenderem que tudo isso é direito delas. Essa lógica vale inclusive para os colegas que começam a trabalhar aqui. Temos a tendência de ter um olhar paternalista e assistencialista para as comunidades mais periféricas e achar que estamos fazendo um favor. Para enfrentar essa tendência sempre trabalhamos com a ideia de direito. Não é nada excepcional o que estamos fazendo, mas um direito que essa comunidade tem”, diz Fábio Marçal.

Guilherme Brandt, diretor de Ensino do Campus Alvorada, destaca o estímulo que vem se dando aos alunos para que participem de projetos de ensino, pesquisa e extensão. “Temos alunos, alguns deles recebendo bolsa inclusive, que participam hoje de projetos de plantio de mudas, de esporte no contra-turno, de construção da memória do Campus por meio de vídeos e de alimentação saudável. Queremos que eles possam viver a escola não só no momento da sala de aula, mas passando o dia aqui. Temos aulas de manhã, de tarde e de noite, mas se tu vier de manhã aqui vai encontrar alunos da tarde, se vier de tarde vai ver alunos da noite e assim por diante. Eles freqüentam a escola durante praticamente todo o dia, muitos envolvidos em projetos, outros como espaço de sociabilidade mesmo. Essa vivência impacta muito a vida deles”.



Josemar dos Santos: Projeto Figueira Negra quer contar a história do negro em Alvorada. (Foto: Guilherme Santos/Sul21)

O projeto Figueira Negra

O Campus Alvorada também vem abrigando projetos que buscam resgatar a história da comunidade. É o caso do projeto Figueira Negra, que produzirá um vídeo documentário sobre a história do povo negro de Alvorada, procurando identificar quem foram as primeiras pessoas a negras a habitar a cidade e como participaram da sua construção social e cultural. Josemar dos Santos, da Oficina de Audiovisual, que está trabalhando na produção do documentário, explica que o projeto busca fugir um pouco do método tradicional da produção audiovisual.

“Desenhamos uma figueira, que simboliza o projeto e expressa como será o roteiro do vídeo. Chegamos nas casas, tomamos um café e conversamos com as pessoas como se fosse um bate-papo mesmo. Pegamos os nomes de algumas das pessoas com quem conversamos e os colocamos numa determinada ordem na figueira. As pessoas que moram mais tempo aqui foram colocadas junto à raiz, outras foram coladas aos troncos, galhos e frutas. A maioria das pessoas que a gente entrevistou são mulheres negras e procuramos entrevistar os mais jovens também, porque a nossa história continua. Estamos finalizando as gravações para começar a editar o material. A ideia é lançar o documentário em dezembro”.



Laura Becker e Carolina Possa, estudantes

do curso de Meio Ambiente: “é mais do que um curso técnico, é um estilo de vida”.

(Foto: Guilherme Santos/Sul21)

“É uma porta que se abriu”

Apesar dos limites e precariedades que enfrenta no poder, o Campus Alvorada já representa uma nova possibilidade de futuro para seus alunos. “Quando eu entrei aqui, não sabia que o meu curso ia ofertar tudo o que oferta. Vou completar o primeiro ano agora, mas acredito que, ao final dos quatro anos, vou aprender muita coisa que nem imagino hoje”, diz Amanda Peixoto de Oliveira, aluna do curso técnico integrado em Produção de Áudio e Vídeo. O curso, detalha, trabalha com muito com cinema e fotografia e possui uma cadeira de Teoria da Cultura, que está abordando toda a história do cinema, desde o início até os dias de hoje. Amanda define a entrada no instituto como uma nova possibilidade de vida:

“É uma porta que se abriu para mim e que pode se abrir para muitas outras pessoas. A maioria do ensino aqui em Alvorada é muito precário. Estudei em escolas onde era preciso ter nove professores, mas só tinha cinco. Entrando aqui, a gente passa a ter formação para entrar em muitas faculdades”.

Carolina Possa, aluna do curso de Técnico em Meio Ambiente, integrado ao ensino médio, diz que, mesmo que nem metade do projeto original do Campus tenha sido implantado, ele já representa um grande avanço para Alvorada. “É algo super diferente e motivou uma paixão em mim que eu não tinha antes. O Meio Ambiente não é só um curso técnico, mas um estilo de vida”. Colega de Carolina, Laura Becker destaca que o curso é muito amplo, abrangendo biologia, ecologia, saúde e sociedade, com várias disciplinas conversando juntas. Na disciplina de Projeto Integrador, há alguns grupos que tratam de problemas que afetam a população, como os alagamentos, um problema crônico na cidade. E na disciplina de Saúde, Ambiente e Sociedade, conta Laura, foi feito um trabalho sobre o bairro onde residem. “Conversamos com os moradores sobre problemas sociais e ambientais que temos aqui no bairro e também falamos sobre o Plano Diretor. Foi bem interessante”.



Khaterine Carol Halberstadt foi aluna da primeira turma de Intérprete de Libras e hoje trabalha como intérprete no Campus. (Foto: Guilherme Santos/Sul21)

Já há também de alunos que passaram pelo instituto e que hoje trabalham na formação de novos estudantes. É o caso de Katherine Carol Halberstadt, que foi aluna da primeira turma de Intérprete de Libras no Campus Alvorada, ainda no espaço provisório que funcionava no Centro Florestan Fernandes. “Conseguimos fazer a nossa formatura aqui no Campus, o que foi um momento bem significativo para nós e para o IF. Este ano eu tive a oportunidade de vir para cá trabalhar como intérprete dentro da sala de aula, atuando junto com as minhas professoras. Temos duas alunas surdas que estão fazendo o curso de Técnico em Cuidados de Idosos à noite. Eu e mais duas colegas ficamos em sala de aula fazendo a tradução do professor para a aluna e da aluna para o professor. Também estamos disponíveis na parte da tarde caso seja preciso fazer um reforço de atendimento em alguma disciplina. Esse trabalho é muito gratificante pra mim que estudei e me formei aqui”.

Os relatos de Amanda, Laura, Carolina e Katherine coincidem em apontar aquele que parece ser o principal sentido da instalação do Campus do Instituto Federal em Alvorada: ele abriu uma porta para suas vidas e elas não parecem dispostas a perder essa chance ou voltar para trás.